

/ PALAVRA DO LEITOR

Reportagem cultural

Professor, crítico literário e gestor público, Sergius Gonzaga é uma das mentes fundamentais da intelectualidade do Rio Grande do Sul (Viver, edição de 02/10/2026). A reportagem cultural sobre o professor Sergius Gonzaga é uma bela oportunidade para conhecermos não apenas a sua trajetória na literatura, mas também essa capacidade rara de transformar conhecimento em conversa, cultura em prazer e, sobretudo, qualquer situação em uma boa história – quase sempre acompanhada desse seu humor imbatível, inteligente e absolutamente criativo. Viva o Professor Sergius Gonzaga. (Sérgio André Brittes)



Reportagem cultural II

Sergius Gonzaga é um mestre entre os mestres, um grande conhecedor de literatura e um humanista. (Elisa Henkin)

Reportagem cultural III

Que baita aula de literatura o professor Sergius Gonzaga dava no Unificado! Era sempre uma emoção ouvir as histórias por dentro dos livros. (Marília Lopes)

Reportagem cultural IV

Gostavam muito das aulas de Literatura ministradas pelo professor Sergius Gonzaga no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Vera Agrello)

Apostas online

Na coluna Começo de Conversa, Fernando Albrecht comentou sobre a proibição aos sites de apostas online, as bets (JC, 28/09/2026). Quem discorda da proibição das bets são aqueles que estão (ou estavam) ganhando dinheiro fácil, que são os donos das bets e os influenciadores, atletas famosos e comunicadores. 90% das torcidas dos clubes de futebol apoiam a medida. (Paulo Branco)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

Aos anunciantes e agências de publicidade

Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado de Nossa Senhora Aparecida em 12 de outubro, a edição do dia 12 será conjunta com a do dia 09 de outubro, com o fechamento comercial às 17h do dia 08 de outubro.

A edição do dia 13 de outubro de 2026 circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 09 de outubro.

Diretoria Comercial

Jornal do Comércio
O Jornal de economia e negócios do RS

/ ARTIGOS

Economia, a eterna vítima

Gustavo Victorino

Governos gastadores e com decisões erráticas invariavelmente têm origem no populismo do discurso fácil de enfrentamento à segregação social. Antiamericanismos ridículos e vociferados como dogma são sempre intensificados pelos aplausos fáceis de claques domesticadas.

O projeto político brasileiro vem pagando ao longo do tempo um alto preço pela mediocridade da tal constituição cidadã que na verdade se transformou numa peça patética de dominação interpretativa com perfil muito mais de carta de intenções do que uma verdadeira carta magna. Político lê o resultado das eleições e já pensa na próxima. O que acontece entre elas parece pouco importar para a maioria. Somos uma nação economicamente à deriva por décadas pela falta de um projeto claro de desenvolvimento, geração real de emprego, produtividade e competitividade mercadológica.

Vivemos numa bolha abastecida por empreendedores que navegam no mar revolto de um gigantesco mercado com regras frágeis e absoluta insegurança jurídica. Empreender por aqui é um misto de heroísmo marginal de quem corre todos os riscos e ainda é tratado como um mal necessário a uma sociedade apodrecida pela corrosão ética e a atecnidade das decisões na esfera macroeconômica.

Sim, somos um case de economia aprisionada no seu próprio gigantismo e incompetência gerencial. Se existisse um anti Nobel de economia, seria-

mos um sério candidato a ensinar como não fazer a coisa certa. Com a priorização para o discurso social e as urnas, a economia brasileira é vítima da política proselitista que nos aflige há décadas e parece se enraizar cada vez mais profundamente no imaginário popular.

O endividamento pessoal agravado pelo índice recorde de inadimplência joga na nossa cara o preço a ser pago pela irresponsabilidade das decisões que inundaram o mercado de liquidez sem lastro e desinformação. Comprar uma TV pagando três vezes o seu preço através de uma prestação mensal acessível é máquina de votos e moedor de economia saudável.

Enquanto a mudança de mentalidade não virar a chave para o racional, estaremos secando gelo com pano molhado e cavando cada vez mais profundo o buraco em que nossa economia se meteu. Números fabricados, PIB com a riqueza toda na mão do poder público, desemprego real omitido por dados sem credibilidade, e tudo isso em nome da política. E a primeira vítima é sempre a economia...

Deputado estadual (Republicanos)

Empreender por aqui é um misto de heroísmo marginal de quem corre todos os riscos

O que lembramos e precisamos lembrar

Alexandre Elman Chwartzmann

Em 11 de setembro de 2001, eu estava com a minha mãe na sala de espera de um consultório quando a vi levar as mãos ao rosto diante da televisão. Vinte e cinco anos depois, é provável que você também lembre onde estava naquele dia.

Mas talvez não lembre onde estava em 7 de outubro de 2023. Não se trata de comparar tragédias,

Lembrar o 7 de outubro, para quem não estava lá, não exige tomar partido do conflito

e sim de perguntar por que uma entrou na nossa memória e a outra, três anos depois, ainda parece pertencer sobretudo a quem estava lá.

Naquele dia, o Hamas e outros grupos terroristas atacaram comunidades civis e bases militares no sul de Israel. Cerca de 1.200 pessoas foram mortas e 251 foram levadas como reféns para Gaza, entre elas crianças, idosos, famílias inteiras e jovens que estavam em um festival de música, no que se tornou o dia mais sangrento para os judeus desde o Holocausto.

Aquele foi um divisor de águas para judeus do mundo todo, inclusive aqui. Mudou a sensação de segurança, a forma de frequentar sinagogas, escolas e eventos e até a disposição de tornar pública a pró-

pria identidade. Em 2024, uma pesquisa do Instituto Brasil-Israel e do Instituto Ideia mostrou que 80% dos entrevistados tinham ouvido falar dos ataques, mas 55% não souberam definir o que é antissemitismo. E o relatório de Antissemitismo no Brasil 2025 divulgado no início deste ano pela Conib (Confederação Israelita do Brasil) mostra que houve uma alta de 150% no número de casos de preconceito contra judeus registrados no País.

Nada disso exige concordar com o governo israelense ou negar o sofrimento de palestinos em Gaza causado pela guerra que veio depois. Contexto e responsabilidades podem e devem ser discutidos. O problema começa quando a explicação vira condição para reconhecer a vítima. É possível reconhecer o sofrimento dos palestinos e afirmar que o assassinato deliberado de civis israelenses foi inaceitável. É possível criticar o governo de Israel sem cobrar essa conta do seu vizinho judeu. Uma coisa não exige negar a outra.

Há 25 anos, um atentado a milhares de quilômetros daqui mudou a forma como viajamos e percebemos o mundo. Lembrar o 7 de outubro, para quem não estava lá, não exige tomar partido no conflito. Exige não aceitar, aqui, que alguém seja hostilizado por ser judeu. Tenhamos ou não razões pessoais para lembrar, importar-se com vidas inocentes é um dever de todos.

Advogado, vice-diretor jurídico da Federação Israelita do Rio Grande do Sul



Leia o artigo “Ponto de não retorno: uma família de cada vez”, de Nivio Lewis Delgado, em www.jornaldocomercio.com